

Disciplina Estudos Estratégicos
Prof. Rafael Ávila [2005]

Brodie, Bernard (1949). "Strategy as a Science". World Politics, volume 1, issue 4 (jul., 1949), pp 467-488

Invasão em esferas de competências, especialmente pelos militares no que concerne as decisões de alta política [High Policy Decisions]. Esse movimento acaba por evidenciar a imperfeição dos mesmos quanto ao seu próprio papel de soldados, especialmente no que concerne ao entendimento do que é "estratégia militar".

Os militares constantemente rejeitam a vida contemplativa, fundamental para o estudo científico. Até porque eles se sentem extremamente confortáveis com as máximas de guerra - "princípios clássicos da estratégia".

A proposta de Brodie (1949) é demonstrar que os princípios não podem substituir o estudo, a educação do espírito. É necessário, no estudo, aplicação intelectual intensiva, rigorosa e prolongada. E essa demonstração leva ao ponto principal do artigo que é mostrar que "a estratégia não tem recebido o tratamento científico que merece não somente nos forças armadas ou, certamente, fora delas" (Brodie: 1949: 468).

O que é fato é que durante muito tempo predominou a exaltação dos princípios de condução da guerra [falácia jominiana] de que os métodos podem até mudar mas o princípios não. A consequência disso é a usurpação e a distorção dos próprios princípios.

Exemplo de inadequação de um princípio: "Economia de esforço implica um emprego de força *balanceado*, é uma expedição *judiciosa* de todos os recursos com o objetivo de atingir uma concentração *efetiva* no tempo e no local *decisivos*"

O fato é que a doutrinação ajuda mas as doutrinas são, ao mesmo tempo, limitantes e limitadas. Agrega-se a isso a idéia de que aprender com o passado seria suficiente para conhecer os segredos da guerra; novamente a um exagero implícito.

As mudanças ocorrem mais rápido hoje, para Brodie (1949), e isso gera mudanças táticas e estratégicas. Os princípios acabaram por substituir a teoria, que para a lógica profissional militar é melhor e mais conveniente que estudo.

Princípios produzem unificação de linguagem e de padrões cognitivos; permitem a antecipação de algumas ações pelos subordinados no campo de batalha. Porém, muitas vezes aforismas e slogans substituem a análise.

Exemplo de um slogan (1ª Guerra Mundial): "ganhará aquele que tiver resolução para avançar" [*offensive à outrance*].

Slogans geram rigidez de pensamento e comportamento numa dada direção [Arte X Ciência].

Feedback [prepare for future learning by the past] que acabou gerando a dignificação excessiva da "experiência de batalha". 3 razões que demonstram o limite das experiências: 1) o problema de se apoiar exclusivamente no passado é que as coisas podem mudar de uma guerra para a outra; 2) existem questões práticas e questões teóricas que se influenciam mutuamente e afetam as decisões acerca dos rumos da guerra; 3) lições podem não ser auto-evidentes, o que leva a percepção de que a mente deve estar preparada para a análise.

Acrescenta-se que reduzir uma ampla gama de conhecimento a algumas proposições simples e simplistas envolve a arbitrariedade. A lógica, que remete ao treinamento da mente, é o refinamento e teste constante das ferramentas conceituais no campo.

Conceito de estratégia de Brodie: "Estratégia é devotada ao descobrimento de como os recursos de uma nação, material e humano, pode ser desenvolvidas e utilizadas com o fim de maximizar a efetividade total de uma nação na guerra" (1949:476)

Problemas: em tempos de paz é mais complicado se pensar estratégia; segundo, o dinheiro interfere nas decisões políticas.

Segurança é um valor derivativo que garante a sobrevivência de outros valores. Ou seja, dependendo da proporção e magnitude da ameaça, a segurança pode ter primazia sobre os demais.

No sentido militar, "estratégia lida somente com a mobilização dos recursos e sua concentração para produzir vitória sobre um inimigo em uma série de circunstâncias políticas e geográficas" (Brodie: 1949: 477) . Ainda, busca antecipar rumos da guerra sem ameaçar a manutenção da paz e a perseguição de outros valores; Reino Civil - preparação (contexto interno) e condução (contexto externo) [*security policy*].

Definindo os papéis do militares: auxiliar na determinação do orçamento. Por exemplo, na determinação da "política de segurança" os meios econômicos, e a utilização dos recursos com eficiência são atributos muito mais dos economistas que do militares.

Na estratégia sempre se lida com as "análises múltiplo-contingenciais", incorporando a lógica da utilidade marginal e do "princípio do dano menor", ou seja, todas as coisas sendo iguais seleciona-se aquelas que podem produzir menor dano. Incorpora-se o grau de risco inerente àquela escolha.

Uso de jargões e símbolos – cada meio tem seus jargões próprios que permitem a comunicação. Permitem estabelecer uma economia no processo de pensar o problema, além de assegurar que as questões principais em relação ao problema não serão menosprezadas.

"Há uma grande diferença prática entre a regra de mão que é reconhecida como a realização factível ótima de uma teoria correta e as regras de mão muito mais conhecidas como uma simples substituição do esforço de teorização" (Brodie: 1949: 483)

Brodie (1949) defende a necessidade de um método analítico genuíno [cf. Clausewitz] que possibilite a consistência interna empiricamente testável.

Bull, Hedley (1968). "Strategic Studies and Its Critics".

(dS*) Conceito de Estratégia; Conceito de Estratégia Militar – arte ou ciência?

Peculiaridades da Estratégia – 1) não é mais um campo concentrado exclusivamente na condução da guerra – Instrumento da política no caso de ameaça de guerra, mas com alguns outros aspectos como deterrência, "administração de crise", "manipulação do risco compartilhado", "chantagem";

2) Não mais um campo exclusivamente militar – campo da educação e instrução; ciência, preponderância civil;

3) Caráter abstrato e especulativo – Ressalva: isso se deve em grande parte à própria academia e não a Guerra Nuclear em si. Grande pergunta: como os Estados, estadistas e pessoas reagem à ameaça?

4) Sofisticação e a alta qualidade técnica – ciência e pseudo-ciência. Não se separa Estudos Estratégicos de Política Internacional.

Ressentimento militar quanto à participação civil.
O que o Estado deve fazer com sua força militar?

Crítica aos estrategistas

1) Estrategistas deixam as considerações morais de lado - relação entre fins e meios (cálculo racional). Decisões políticas não somente levam em consideração as questões de estratégia. Há um peso moral nas decisões sim. É preciso separar as competências nas formulações decisórias, que são campo da política. É preciso discutir ainda a dinâmica da interação das esferas de tomada de decisão.

Os estrategistas são, antes de mais nada, conselheiros. O contrário, ou seja, não levar em conta os cálculos racionais de custo benefício, diminuiriam o peso das decisões acerca das possibilidades de guerra.

2) Pensamento limitado às políticas vinculadas à força - Critica-se o não pensar políticas alternativas. É preciso separar competências (estrategistas, analistas de Relações Internacionais e Estudiosos de Segurança)

3) Manipulação e distorção da realidade - transposição de debate entre campos.

4) Estrategistas civis como pseudo-científicas em seus métodos - manipulação arbitrária da metodologia de análise. Quem usa teoria dos jogos? Quem foi contaminado pelo behaviorismo? Contaminação ideológica; influência da instituição. Análise crítica clausewitziana.

5) Estrategistas são "espalhadores de pânico" e de "neuroses coletivas" - Passagem para o campo das RI's, ou seja, a mesma acusação ao realismo. Fato é que as relações sociais não se limitam à perspectiva do resultado do objeto em análise.

Betts, Richard K. (1997). Should Strategic Studies Survive”

Paz experimentada pós-Guerra Fria extingue a necessidade dos Estudos Estratégicos?

Do ponto de vista do cientista do campo

Do ponto de vista prático

Do ponto de vista burocrático

Do ponto de vista teórico

Do ponto de vista financeiro

Os militares do EUA tentam reganhar o campo dos estudos estratégicos por meio do estudo. A grande questão é: como fazer a força um instrumento racional da política.

Esquema de Betts p.03:

Grande problema dos estudos estratégicos - perder a visão política em meio aos aspectos exclusivamente militares.

Relações Internacionais e a guerra - a maioria pensa na guerra em dois momentos [antes e depois] nunca em sua condução. "It's imposible to understand impulses and choices in the political dimension of war or peace without understanding constraints and opportunities in the military dimension." [1997, p.04]

Oscilações e modismos nos estudos da guerra. Passagem do campo tático para o campo político.

A evolução dos Estudos de Segurança – 1950s Fim da II Guerra Mundial e Guerras Convencionais; 1960s Guerra Nuclear e Guerras Não-Convencionais – Defense Program Management; Behaviorismo e Apologistas da lógica do custo-benefício.

Betts revisa a tese de Brodie sobre o papel das teorias econômicas aplicadas aos estudos de política internacional.

Estudos Estratégicos X Estudos de Segurança X Relações Internacionais. Anos 1970s, o período do transnacionalismo e da Interdependência Complexa

A retórica da discussão da Estratégia Nuclear versus a Estratégia Convencional.

Questões em voga com o fim da Guerra Fria: causas da guerra e da paz; efeitos na distribuição geral de poder nas relações internacionais; influências econômicas e ideológicas nas relações de cooperação e conflito; nacionalismos; religião; polaridade.

Strategy = Military Science (que inclui aspectos táticos e história militar) + Political Science. Ou seja, é a estratégia aquela que vincula os campos civis e militares.

O que os "Estudos de Segurança" abarcam na atualidade: diplomacia; formação de políticas; mobilização econômica e social; inovações científicas; controle de armamentos; terrorismo; meio ambiente. A proposta é que o campo retorne ao domínio das RI's pois é muito amplo e desfocado.

Patologias acadêmicas - 1) proliferação desenfreada de teoria; 2) sistema fechado de diálogo intra-teorias com pouca preocupação empírica.

Betts, Richard K. (2000). Is Strategy an Illusion?

Estudo os conhecimentos de causas, efeitos e variáveis que intervêm para o planejamento das operações que produzem os resultados desejados.

Causas da guerra - dinâmica da guerra em si - resultados e conseqüências da guerra. Estratégia lida com a cadeia de relacionamentos entre fins e meio, que é onde inclusive se pode perceber a falha na estratégia. Por isso, estratégia não pode ser confundido como atrito (guerra de atrito) e nem como "poder cru" (raw power - somatório de capabilities).

A pergunta chave da estratégia é: Essa ideia irá funcionar.

Críticas: 1) estratégia lida com estimativas, acaso, risco, julgamentos, valores em jogo. Por isso pergunta-se: como calcular o sucesso e o fracasso de uma estratégia. Seria o montante de risco aceitável.

Estratégia é um cálculo, em que se avalia o risco (acaso), de forma a fazer prospectivas. Os estudiosos de segurança e os realistas determinam os objetivos de segurança, bens e poder mas nada traçam em relação às estratégias. Pela separação de competências é possível eximir a culpa dos estrategistas em algumas decisões.

2) Complexidade e contingência atrapalham na produção de efeitos desejáveis. A lógica é trabalhar na análise dos padrões militares, causas e efeitos no e do campo político, e que instrumentos produzem tais efeitos. Projeta-se ainda escolhas futuras.

Para Betts (2000), toda estratégia "militar" busca criar ou se aproveitar de uma situação de desequilíbrio. Emoção, paixão, motivos, problemas cognitivos, desvios culturais são problemas para a estratégia.

Razão política versus escolhas pessoais subliminares (política seria pseudológica, ou seja, não seria nada mais que impulsos pessoais mascarados de racionalidade).

Restrições cognitivas limitando a visão dos estrategistas. Como distinguir patologias cognitivas de opinião pública.

Comunicação e cultura (percepção da mensagem do e para o oponente - diálogo de surdos)

Normal Operational Friction - limitações organizacionais

Processo organizacional e inércia de escolhas institucional. As organizações têm um repertório limitado, ações e reações previsíveis. Sofre ainda com os boicotes intra-instituições. As soluções seriam: determinação de competência, responsabilização burocrática; divisão de trabalho e limitação no escopo de ação.

Democracia não combina com estratégia. O exercício do confronto de interesses (politics) refletem na burocracia decisora (policy) e vice versa.

O que está em jogo - a consequência dos compromissos políticos e a determinação do que está em jogo.

Formulando estratégias: i) balança entre custos e benefícios; ii) simplicidade mais que complexidade; iii) civis conhecendo melhor as operações militares; iv) lógica estratégica limitada e impactada pelos interesses materiais.